

*Uma Breve
História da
Estupidez*

Arborea

Amostra

*Uma Breve
História da
Estupidez*

Stuart Jeffries



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2026

Uma Breve História da Estupidez

Copyright © 2026 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Copyright © 2026 Stuart Jeffries

ISBN: 978-85-508-2835-0

Alta Cult é um selo do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA.).

Translated from original A SHORT HISTORY OF STUPIDITY © 2025 by Stuart Jeffries. ISBN 978-1-5095-6349-4. This translation is published and sold by Polity Press, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2026 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J45u

Jeffries, Stuart.

Uma breve história da estupidez / Stuart

Jeffries. 1.ed. – Rio de Janeiro: Alta Cult, 2026.

320 p.; il.; 15,7 x 23 cm.

Título original: A Short History of Stupidity.

ISBN 978-85-508-2835-0

1. Estupidez. 2. Comportamento social. 3. Cultura contemporânea. 4. Pensamento crítico. I. Título.

CDD 303.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Estupidez: comportamento social 303.4

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Editor da Obra: J. A. Ruggeri

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Produtora Editorial: Rita Motta

Revisão: Eveline Machado



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvdoria: ouvdoria@altabooks.com.br



Agradecimentos

Muitas pessoas — nem todas elas estúpidas, mas aqui mantidas no anonimato para poupá-las de uma associação potencialmente arruinadora de carreiras com um livro sobre deficiência cognitiva — ajudaram-me em diferentes etapas. Agradeço aos heróis até então anônimos por trás deste livro: bibliotecários, vizinhos, acadêmicos e editores de aquisição de extrema paciência. Ainda assim, considero justo nomear Elise Heslinga, da Polity, que percebeu uma lacuna no mercado e imaginou que eu pudesse preenchê-la com reflexões inteligentes sobre a estupidez. Ela não deve ser culpada por quaisquer falhas de estilo e conteúdo que você está prestes a encontrar. Nem meu agente, Philip Gwyn Jones, que me inspirou com ideias brilhantes sobre como ajudar o livro a alcançar um público mais amplo. Nem Justin Dyer, que trabalhou com surpreendente boa vontade para exorcizar meticulosamente os demônios do palavrório e da desinformação do manuscrito em sua etapa final. Quero agradecer especialmente à professora Jin Li, da Brown University, cujas notas sobre uma versão inicial do Capítulo 3 me pouparam de provocar a compreensível revolta de todos os que atualmente residem na Ásia, para não mencionar aqueles de ascendência asiática e, de fato, qualquer pessoa que saiba mais do que eu sobre tradições filosóficas orientais — o que, como você pode imaginar, corresponde à maior parte da humanidade. Os que permanecerem revoltados não devem atribuir as deficiências daquele capítulo a Jin Li, mas a mim. O livro foi escrito sobretudo com a ajuda de minha esposa, Kay, e de minha filha, Juliet, que, graças à sua inteligência, diariamente fizeram correções na minha obtusidade. Se seus exemplos ajudaram este livro a se tornar menos estúpido do que seria de outra forma é algo que pessoas mais inteligentes do que eu deverão decidir.

Amostra

Sumário

<i>Introdução</i>	1
1. O que É Estupidez?	11
2. A Estupidez Antiga	21
3. Estupidez Oriental	53
4. O Valor da Tólice	87
5. Estupidez Moderna	113
6. Eugenia Estúpida	139
7. A Inteligência Estúpida	169
8. Estupidez em Massa	211
9. Estupidez Estrutural	229
10. A Estupidez Digital	255
<i>Conclusão</i>	275
<i>Notas</i>	283
<i>Índice</i>	307

Amostra

Introdução



A ascensão dos paspalhos

Burro, lento, simplório, tapado, tolo, bobo, pouco inteligente, pateta, incapaz, abestalhado, irracional, irracionável, ignorante, cabeçudo, obtuso, imbecil, descerebrado, avoado, pouco inteligente, lunático e bocó. Mas já falei o suficiente sobre mim. A lista de sinônimos de estupidez é longa, mas cada termo, mais ou menos científico ou mais ou menos ofensivo, é crucialmente distinto, em uso e significado, de *estupidez*. Nem todo imbecil é estúpido; a abestalhamento pode ocultar um pensamento profundamente inteligente, bocós podem ser espertos e, embora estar com o cérebro clinicamente morto possa desqualificar alguém para o ingresso na Mensa, chamar de estúpida uma pessoa literalmente sem atividade cerebral é absurdo, quase um eufemismo cômico. Os loucos que tomam conta do manicômio, por isso só, não são estúpidos. Ignorância é felicidade, mas ninguém sugeriu que estupidez seja.

É um bom momento para escrever sobre estupidez. Se eu ganhasse uma libra por cada vez que li que estamos vivendo uma era dourada da estupidez e que não apenas os cinco cavaleiros do apocalipse estúpido (Donald Trump, Elon Musk, Vladimir Putin e — se você permitir um pouco de paroquialismo britânico — os politicamente cataclísmicos espetáculos circenses de Nigel

Farage e Boris Johnson), mas muitos outros estão atropelando as conquistas intelectuais da humanidade, substituindo a verdade pelo pós-verdade, entronizando mentiras e deportando a razão científica, eu seria tão rico quanto esses cavaleiros. As seduções da estupidez das quais esses gênios se beneficiaram não são totalmente novas. O satirista vienense Karl Kraus tinha Hitler na mira quando escreveu, quase um século atrás: “O segredo do demagogo é parecer tão burro quanto seu público, para que essas pessoas possam acreditar que são tão inteligentes quanto ele.”¹ Contudo, isso não nos ajuda a entender por que Trump disse sobre Porto Rico: “Isto é uma ilha, cercada por água, muita água, água oceânica.”² Ou por que Sarah Palin pediu que “muçulmanos pacíficos” “refudiassem” os planos de construir uma mesquita perto do Marco Zero, em Nova York.³ Tampouco explica por que Palin afirmou depois ter digitado *f* por engano no lugar de *p* — o que, considerando a distância entre *f* e *p* em um teclado QWERTY, parece *pancipul* [em inglês fanciful ou imaginativo]. O *d*, claro, fica bem mais perto de *f* do que de *p*, e assim permanece a possibilidade de que ela tentasse escrever *redudiar*. No momento em que escrevo, nenhum muçulmano aparentemente “refudiu” coisa alguma.⁴

Se quisermos reagir contra a estupidez — e vou me arriscar a sugerir que isso seria uma boa ideia —, precisamos primeiro conhecer a natureza do inimigo. Para isso, devemos esclarecer o que o termo significa e traçar sua genealogia desde a Antiguidade, quando a estupidez era vista como intrinsecamente ligada ao mal humano, até hoje, quando você talvez me perdoe por pensar que ela se tornou uma espécie de mercadoria desejável, um item indispensável, com celebridades estúpidas veneradas mais do que aqueles que têm ao menos dois neurônios para esfregar um no outro. Neste livro, portanto, examinaremos como a estupidez primeiro se associou ao mal, depois se separou dele e finalmente se tornou o fenômeno que conhecemos hoje — algo que muitos se orgulham de explorar nos outros, com, para dizer o mínimo, consequências calamitosas para fenômenos rivais da civilização humana, como democracia, sabedoria e excelência. Vou conduzi-lo, então, em uma jornada da estupidez à estupidez e de volta, passando pelos pensadores muito inteligentes que refletiram sobre o que ela é, desviando pela possibilidade contraditória de que a estupidez possa ser desejável e pela possibilidade mais intuitiva de que seja um defeito de caráter.

Mas vamos ao básico. O que é estupidez?

É uma falha de conhecimento ou de compreensão? É tão incorrigível quanto Kant pensava? É eliminável, como Galton e outros eugenistas esperavam? Estamos chegando ao Pico da Estupidez? Ou já o ultrapassamos? Ou, no pior cenário, somos estúpidos demais para perceber onde estamos em relação

ao Pico da Estupidez — sem mencionar seu oposto, o Vale da Estupidez? Ou a estupidez será uma constante e, se for, seria estúpido sermos complacentes diante de sua existência?

Em seu conto “The Quantity Theory of Insanity” (“A Teoria Quantitativa da Insanidade”), Will Self sustentou, sem evidência científica, mas com grande imaginação, que existe “apenas uma proporção fixa de sanidade disponível para qualquer sociedade em qualquer momento”.⁵ Nesse sentido, a estupidez é muito parecida com a insanidade: um fato não erradicável da civilização humana, ou um vasto reino inconquistável cujas fronteiras mudam pouco, se é que mudam — como a Suíça.

Essa era, ao menos, a perspectiva de dois dos pensadores mais inteligentes — e mais sombrios — a enfrentar o tema. “Em geral, de fato”, escreveu Schopenhauer, “os sábios de todas as épocas sempre disseram a mesma coisa e os tolos, que em todos os tempos formam a imensa maioria, também agiram de modo semelhante — e sempre ao contrário; e assim continuará”.⁶ Voltaire escreveu: “Partiremos deste mundo tão tolo e tão perverso quanto ele já era quando aqui chegamos.”⁷ Os estúpidos, como os pobres, estarão sempre conosco.

A estupidez é quase sempre uma qualidade de outra pessoa, não nossa. O ditado francês *Les absents ont toujours tort* (os ausentes estão sempre errados) tem seu paralelo no universo dos julgamentos sobre estupidez. Estupidez é a maldição do outro. Se nos descrevemos como estúpidos, só podemos estar no máximo meio que falando sério: afinal, reconhecer nossas falhas exige grande inteligência. Como Sartre escreveu sobre a autoilusão: para que eu me engane, “preciso conhecer essa verdade com extrema precisão para ocultá-la de mim com ainda mais cuidado”.⁸ Para reconhecer a própria estupidez, é preciso ser esperto — o que, você pensaria, significaria que nunca conseguiríamos reconhecer-la, já que, em princípio, não haveria estupidez a encontrar. Se você é estúpido, provavelmente não perceberá que é. Se você é estúpido ou inteligente, será capaz de designar, justa ou injustamente, outras pessoas como portadoras desse enigma. A estupidez, como a beleza, está nos olhos de quem vê.

Se for assim, talvez a estupidez não seja realmente passível de estudo científico: é um termo pejorativo, um julgamento subjetivo e, como argumenta David Barker em seu ensaio “The Biology of Stupidity: Genetics, Eugenics and Mental Deficiency in the Inter-War Years” (“A Biologia da Estupidez: Genética, Eugenia e Deficiência Mental nos Anos Entreguerras”),⁹ sempre que a ciência foi mobilizada para remover o fardo da estupidez da sociedade humana, essa ciência foi esmagadoramente falsa. Da craniologia à eugenia galtoniana até a renascente pseudociência racial atual, tais disciplinas duvidosas

foram usadas para sustentar uma doutrina sociopolítica mais ou menos racista — desprovida de justificativa científica e, de fato, discutivelmente estúpida — que trata as desigualdades sociais como enraizadas na biologia. Esse determinismo biológico, como veremos, tomou a estupidez como algo erradicável apenas pelos meios mais extraordinários e cruéis, da castração a políticas de apartheid educacional.

A ficção científica há muito imagina sociedades futuras, tanto utópicas quanto distópicas, em que a estupidez, junto com outros supostos defeitos, não foi erradicada, mas existe em estimulante justaposição à excelência humana. Em *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley — inspirado em parte nas inclinações eugenistas de seu irmão cientista Julian —, a sociedade é dividida em cinco castas, com os Alfa no topo e os Épsilons, sendo a casta mais baixa, que executa as tarefas mais braçais e carece de capacidade intelectual, na base.

Se Schopenhauer e Voltaire estiverem certos, a estupidez pode acompanhar a sabedoria, mas está longe de ser seu oposto. A inteligência pode ser medida por testes de QI, ou assim alguns cientistas supõem. Mas não existe medida para a estupidez, a não ser negativamente, pela deficiência de inteligência, medida por escores baixos de QI. Contudo, cientistas criteriosos relutam em sugerir que a estupidez seja o oposto funcional da inteligência e que possa ser medida por desempenhos ruins em testes de QI. Não porque, como argumentarei, os testes de QI sejam medidas duvidosas de um fenômeno mal formulado — a inteligência —, mas porque a estupidez é um termo ainda mais escorregadio. A ciência não pode medir a estupidez. Ela, a estupidez, é um julgamento, não um fato mensurável.

Há já duas narrativas contrárias sobre estupidez: uma em que ela está sempre conosco, outra em que estamos avançando rumo a um tempo idílico em que será coisa do passado. Nenhuma, ao que me parece, considera a opção mais plausível, que é a história que contarei neste livro: a de que a estupidez evolui, de que ela se transforma e, assim, evita a extinção.

A estupidez movimentava grandes negócios. Ao nos fazerem sentir estúpidos e nos levarem a fazer coisas estúpidas, as corporações podem lucrar muito. Examinarei, portanto, como a estupidez pode ser valiosa para as empresas que descobrem que os trabalhadores servem melhor aos acionistas quando são estúpidos; e para os indivíduos que descobrem — em nosso mundo tecnologicamente complexo e saturado de informações — que uma espécie de simplismo aprendido lhes serve bem. Esse último tipo de estupidez — uma estupidez estrategicamente inteligente, voltada para a autopreservação — parece, à primeira vista, uma contradição em termos, mas espero mostrar que não é. Às vezes, escolher a estupidez pode ser a melhor opção.

Por fim, consideremos como a estupidez foi, é e continuará sendo cultivada por políticos que subvertem a democracia ao transformar seus eleitores em armas de sua própria estupidez. Não são apenas mestres da estupidificação pós-verdade — como Donald Trump ou Boris Johnson — que habilmente surfaram rumo ao poder em marés crescentes de estupidez popular, mas todos são exemplares de uma tendência que ameaça desfazer a democracia. Vivemos, muitos comentaristas sugerem, uma era em que o conhecimento é, mais ou menos voluntariamente, ignorado, enquanto a ignorância e a estupidez são valorizadas como ouro de tolo. A estupidez deve, portanto, ser entendida como um fenômeno global, definido pelo filósofo britânico Sacha Golob como “uma forma distinta de fracasso; separada, mas provavelmente cúmplice, de falhas políticas, éticas e outras”.¹⁰ Assim concebida, ela vive não exatamente uma era dourada, mas um estrangulamento global

Minha própria estupidez

No início dos anos 2000, cometi um erro estúpido. Sugerir que uma celebridade da TV britânica, famosa — em suas próprias palavras — por nada, talvez fizesse bem em gastar parte de sua fortuna com uma educação corretiva, em vez de cirurgias nos seios e lipoaspiração.¹¹ Eu estava sugerindo, em certo sentido, que a estupidez pessoal poderia ser superada. Por essa proposta modesta — feita numa época em que estupidez e ignorância, longe de serem execradas, estavam se tornando economicamente valiosas, e em que a estupidez ou ignorância alheia passava a ser algo que não se podia criticar sem ser acusado, você mesmo, de insensibilidade, classismo, privilégio ou alguma outra ofensa —, fui atacado.

Na época, a auxiliar de dentista britânica transformada em celebridade de *reality show* Jade Goody parecia, para mim, simbolizar a ascensão da estupidez sem vergonha que varria o novo milênio. A história dela é, na verdade, uma parábola exemplar, demonstrando não apenas a diferença entre ignorância e estupidez, mas também que a ignorância pode ser — e muitas vezes é, de modo muito deliberado — cultivada e monetizada, e que não há nada de estúpido nisso.

Mesmo um quiz show como *University Challenge*, que você talvez supusesse há muito basear-se em exibir o melhor e o mais brilhante da jovem inteligência britânica, às vezes foi sugado para dentro do turbilhão estupidificante. “Qual era o primeiro nome de Gandhi?”, perguntou o veterano apresentador Bamber Gascoigne. “Goosey?”, respondeu a competidora. O fato de

ser possível traçar a cadeia de raciocínio — Gandhi soa como *gander*, o macho do ganso imortalizado na cantiga infantil “Goosey Goosey Gander / Whither shall I wander?” — só torna a estupidez mais evidente. Um apresentador posterior, Jeremy Paxman, perguntou a estudantes ostensivamente inteligentes: “Timothy Dalton, Orson Welles, Toby Stephens e Michael Fassbender estão entre os atores que interpretaram qual figura romântica, criação de Charlotte Brontë?” A resposta: “Inspetor Clouseau?”¹²

Para ser justo, ambos os competidores de *University Challenge* pareceram envergonhados — que é a resposta correta ao ter a própria ignorância exposta, pelo menos se antigos filósofos (cujos pontos de vista sobre a estupidez examinaremos no Capítulo 2) forem guias confiáveis na matéria. Ignorância não é apenas uma falha, mas *a* falha — ao menos segundo Sócrates. Em *Lives and Opinions of the Eminent Philosophers*, Diógenes Laércio diz que Sócrates “declarou que havia apenas um bem, o conhecimento, e apenas um mal, a ignorância”.¹³ Vista por essa lente socrática, Jade Goody não era apenas ignorante, mas má. Mas Sócrates não viveu em uma cultura em que a ignorância podia ser engenhosamente convertida em fortuna por meio do domínio de um *reality show*.

Em sua curta vida, Jade Goody jamais apareceu em *University Challenge*. Em vez disso, em 2002 ela se tornou estrela no *reality show* britânico *Big Brother*. Entreteve milhões com sua ignorância. Achava que um furão era um pássaro, que um abscesso era uma bebida francesa verde, que “Pistachio” pintara a *Mona Lisa*, que existia uma região da Inglaterra chamada East Angular, que “Parada” era um estilista e que havia um idioma chamado Portuganese.¹⁴

Mas, apesar de todas as risadas, fui eu quem agiu com estupidez, não Goody. Ela percebeu plenamente — ainda que inconscientemente — que há uma diferença entre estupidez e ignorância.

A inteligência de Goody consistia em usar a própria ignorância para fazer sua fortuna — o que, como veremos, é o oposto da estupidez. Ela não foi a última a fazê-lo; na verdade, pode-se argumentar que, desde sua morte em 2009 e o subsequente crescimento das redes sociais, as oportunidades de usar ignorância e aquilo que poderia ser tomado por estupidez como elementos de uma marca pessoal lucrativa se multiplicaram exponencialmente. Jade Goody está morta, mas hoje suas descendentes espirituais são legião — condenadas por guardiãs das elites como estúpidas, cultivando ignorância e ajudando assim a espalhar aquilo que o romancista austríaco Robert Musil — que, em vida, foi poupado do *Big Brother* — chamou de o mal-estar espiritual da estupidez.¹⁵

Quando entrou na casa do *Big Brother* com os demais participantes do programa (ir)real da Channel 4, Goody havia acabado de ser despejada de

um apartamento público por £3.000 de aluguel atrasado e estava prestes a ser presa por dever imposto municipal. Rapidamente tornou-se famosa por sua aparente estupidez e foi descrita pelos tabloides como “bruxa” ou “inimiga pública”. O *News of the World* chamou-a de “um pedaço preguiçoso de banha”.

Escrevendo no *Guardian*,¹⁶ tentei defender Goody — se não pelo racismo, então como uma mulher que, a meu ver, era vulnerável a ataques. O *Sunday People* chamou-a de Miss Piggy por causa da aparência e publicou manchetes cheias de ódio, como “Ditch the Witch. Gobby Jade is public enemy n. 1” (“Fora a Bruxa. Jade Desbocada é a inimiga pública nº. 1”). Sugeri que ela enfrentaria “o período mais horrível de sua vida”. Por um momento, pareceu que uma mulher vulnerável e evidentemente pouco educada seria linchada figurativamente pelo crime, no século XXI, de ser tola, desbocada e libidinoso em um *reality show*.

Eu estava enganado. Após sua eliminação, Goody tornou-se um sucesso, uma marca multiplataforma que soube tirar o melhor de seus atributos. Alguns anos depois, ela continuava em evidência, tendo acumulado uma fortuna de £2 milhões, incluindo receitas de seus vídeos de ginástica e de um portfólio imobiliário. Aos 24, lançou um programa no Living TV chamado *Jade's Salon*, comercializou um perfume e publicou *Jade: My Autobiography*, que se tornou best-seller em parte porque detalhava as circunstâncias terríveis de sua infância.¹⁷ Quando a entrevistei para divulgar o livro, ela me disse que entrou na casa do *Big Brother* “para conseguir um pouco de paz e sossego... Achei que seria como um hotel onde eu pudesse ser criança. Nunca fui criança.”¹⁸ A vida doméstica de Goody soa como algo de que qualquer pessoa desejaria escapar. Há uma fotografia em sua autobiografia em que Goody, com 4 anos, aparece de colete e calcinha, em pé na sala entre dois homens — um sorrindo para a câmera, o outro olhando com leve interesse para o que a menina faz. Seria um registro íntimo comum de família, não fosse o fato de que Goody estava dando sua primeira tragada em um baseado. Seus olhos estão fechados enquanto ela imita a puxada de um usuário. A legenda diz: “Para o álbum da família, hein?”

Aos 26, Goody apareceu em uma nova edição do programa, *Celebrity Big Brother*. Lá, passou a ofender racialmente a estrela de Bollywood e colega de confinamento Shilpa Shetty, chamando-a de “Shilpa Fuckawallah, Shilpa Durupa, Shilpa Poppadom”. Foi convocada pelas autoridades do programa para se explicar. De repente, a mulher que era apenas uma celebridade cativante e tapada tornou-se algo mais sinistro: uma racista em uma sociedade presumidamente multicultural.

Ela parecia simbolizar o quão baixo a Grã-Bretanha havia caído, sua aparente estupidez a par de seu racismo. Gordon Brown, então ministro das Finanças, condenou publicamente o programa durante uma visita à Índia, temendo um incidente diplomático anglo-indiano. “Não sou do tipo racista com ninguém”, explicou Goody. “Se ofendi indianos por aí, peço desculpas.”

Após deixar a casa, Goody foi à Índia para se redimir. Em agosto de 2008, participou do *Bigg Boss*, a versão indiana do *Big Brother*. Enquanto estava na casa, foi informada de que tinha câncer no colo do útero e deixou o programa. Submeteu-se a meses de quimioterapia e radioterapia, vindo a saber depois que o câncer havia se espalhado e que lhe restavam apenas alguns meses de vida. Brown então transformou-se no improvável defensor de Goody, dizendo à imprensa que deveríamos “aplaudir sua determinação em ajudar sua família” vendendo os direitos midiáticos de seu casamento, enquanto os tabloides britânicos já não eram capazes de encontrar uma palavra ruim para dizer sobre ela. A porca que merecia ser queimada tornou-se nosso cordeiro sacrificial.

Eu havia cometido um erro estúpido ao não perceber a inteligência de Goody ao monetizar sua ignorância.

De todo modo, nada lhe caiu tão bem em vida quanto a forma como partiu. Aos 27, morreu de câncer no colo do útero. Seus últimos dias como paciente de câncer transformaram-na em uma figura séria cuja franqueza sobre a doença foi amplamente vista como benéfica. Sua decisão de viver esses dias em público lhe rendeu grandes somas de dinheiro, mas ela insistiu que seu motivo era assegurar o futuro de seus dois filhos pequenos. Isso, por si só, foi astuto — o exato oposto da estupidez.

O ponto mais amplo é que, em nosso mundo em que a ignorância vende — em que não é tanto “a economia, idiota”, mas sim “a economia idiota” —, Goody fez bem em não gastar dinheiro em uma educação corretiva. Em uma era em que nos monetizamos, criamos uma marca de nós mesmos nas redes sociais, performamos simulacros de nós mesmos, Goody percebeu astutamente que sua ignorância era sua fortuna e que, se a perdesse por meio da educação, perderia seu diferencial único.

Um dos motivos pelos quais quis escrever este livro é que há uma segunda verdade que Jade Goody percebeu sobre nossa sociedade — e com a qual fez fortuna de maneira bastante brilhante. O prazer que sentimos nas desventuras alheias e até mesmo na estupidez dos outros é algo que pode ser explorado. Como um faixa-preta de caratê, Goody absorveu toda a força das condenações lançadas contra ela, girou e as usou para cair de pé. Vivemos em um *Spitegeist*, em que a alegria nas desventuras alheias e nas demonstrações de ignorância

alheia é viciante. Em *Schadenfreude: The Joy of Another's Misfortune*, Tiffany Watt Smith sustentou que “Se algum dia existiu um ambiente que nos deixaria fissurados por uma nova dose de justiça, é nossa era digital”.¹⁹ Goody morreu justamente quando as redes sociais começavam a ganhar proeminência. A estupidez — tanto a performance dela quanto sua atribuição a outros — tornou-se, desde então, um grande negócio.

Por que a estupidez persiste

Neste livro, vou traçar tanto a história de uma ideia quanto o modo como ela se transformou para sobreviver apesar da suposição — nada irrazoável — de que, ao menos em termos evolutivos, os humanos, se estivessem realmente tão preocupados em não serem estúpidos, poderiam ter usado sua inteligência para eliminá-la. A ascensão e queda de Jade Goody é emblemática de como estamos à vontade para condenar as pessoas por sua suposta estupidez e do quanto desejamos que a estupidez permaneça em nossas vidas enquanto, paradoxalmente, a repudiamos de modo enérgico e reiterado. Os humanos não apenas buscaram sustentar a estupidez, mas também eliminá-la por meios mais cruéis, autoderrotistas, autoiludidos e, portanto, estúpidos — como veremos — do que se poderia supor que nossa espécie, particularmente depois do Holocausto, fosse capaz.

Tais tentativas prosperaram no século XX em políticas sociais equivocadas, obtusas e cruéis — presentes não apenas na Alemanha nazista, mas também nos Estados Unidos — que arruinaram a vida de alguns dos mais vulneráveis em nome de erradicar a estupidez. E, no entanto, se a experiência de viver no século XXI indica algo, é que a estupidez está viva, passa bem e, em qualquer guerra cultural ou disputa intelectual, está pronta para defender seu trono contra concorrentes cognitivamente superiores. A estupidez escapou das tentativas de extingui-la, como sugerem os títulos de dois filmes — *Idiocracia* (2006), de Mike Judge, e *The Age of Stupid* (2009), de Fanny Armstrong — sem mencionar a onda lucrativa de livros que analisam o problema, como *The Psychology of Stupidity*, *The Stupidity Paradox* e o decepcionante *The Little Book of Stupid Questions*. Na verdade, estupidez não é tanto uma cicatriz da humanidade quanto uma oportunidade de negócio: daí a profusão de livros de autoajuda destinados a inocular leitores contra esse vírus virulento, como *How to Deal with Idiots (And Stop Being One Yourself)*, *Surrounded by Idiots: The Four Types of Human Behaviour (or, How to Understand Those Who Cannot Be Understood)* e, o mais útil de todos, *Why Your Cat Thinks You're An Idiot*.

²⁰Nesse sentido, este volume não é bem uma análise brilhante e oportuna da patologia dominante da nossa era (embora, se puderem dizer isso em resenhas, eu agradeceria), mas a peça central do meu plano de aposentadoria.

O livro fará estas perguntas: Se os testes de QI medem a inteligência, medem também a estupidez e, se não, por quê? Os animais podem ser estúpidos ou isso é uma qualidade particularmente humana? Por que os líderes nazistas julgados em Nuremberg tinham QIs tão altos? Quem vinculou QI à raça, e como? Por que tantos meninos e meninas negros no Reino Unido foram diagnosticados como tendo “desempenho educacional abaixo do normal” e enviados a escolas especiais? E quais foram as consequências disso — para eles e para a sociedade? Existem outros tipos de inteligência além daqueles medidos por testes de inteligência? Se realmente existe inteligência emocional, existe também estupidez emocional e, se existe, como ela se manifesta? Os muito difamados neandertais eram realmente tão estúpidos ou eram meramente projeções do medo que a humanidade tem de sua própria estupidez? Se somos tão inteligentes, por que demos crédito, por tanto tempo, a ciências como a eugenia e a frenologia? A estupidez é valiosa? A estupidez tem valor funcional para populistas da pós-verdade? A inteligência artificial é estúpida? A engenharia genética pode — e deve — eliminar a estupidez? Ou a estupidez é valiosa demais para ser extinta? Schopenhauer estava certo ao afirmar que a estupidez será — e deverá ser — sempre uma característica da vida humana?

Mas, antes de respondermos a essas perguntas, precisamos definir nossos termos. Estupidez não é ignorância, nem simplicidade, nem insanidade. Cada uma é diferente da outra em aspectos importantes. Procurarei explicar essas diferenças no próximo capítulo.

O que É Estupidez?



A tolice do professor brilhante

“Basicamente”, disse o matemático norte-americano John Allen Paulos, parecendo um pouco encabulado, “eu fui movido por exuberância, ganância e arrogância. Fiquei enfeitiçado. Ou demente”.¹

Paulos, um professor de matemática na Temple University, Filadélfia — estereotipicamente desgrenhado —, lembrava como quase perdeu todas as economias ao fazer algo muito estúpido. “Era começo de 2000, o mercado estava em alta, e meus investimentos em vários fundos de índice iam bem, mas sem gerar grande emoção.” Ele recebeu um ganho inesperado. “Isso desencadeou uma série de decisões de investimento malfadadas que, ainda agora, são dolorosas de recordar.”² Ele investiu na WorldCom, “a empresa global de comunicações por excelência para a geração digital”, como vangloriavam seus anúncios, a US\$47 por ação. Hoje, a WorldCom é lembrada como uma companhia de telecomunicações que implodiu em um carnaval de contabilidade fraudulenta e extravagância executiva, suas ações reduzidas a nada no maior escândalo contábil de seu tempo, mas o professor Paulos não tinha o benefício da retrospectiva. Ele continuou:

Depois de comprar as ações, fiquei ali me perguntando à toa: por que não comprar mais? Não me considero um apostador, mas forcei a mim mesmo a não pensar, forcei a simplesmente agir, forcei a comprar mais ações da WCOM — ações que custavam bem mais do que as poucas que eu já havia comprado. Nem foram estas as últimas ações que eu compraria. Normalmente sou um sujeito de cabeça fria, mas estava me apaixonando de forma desastrosa.³

Paulos fora vítima, como disse, de várias ilusões cognitivas. Por exemplo, havia o fenômeno do viés de confirmação: o truque mental pelo qual, depois de fazer suas compras, ele passou a procurar razões que mostrassem que tomara uma decisão brilhante, ignorando qualquer evidência contrária. E comprou mais e mais ações mesmo quando o preço caía, demonstrando outra verdade: as pessoas tendem a assumir riscos maiores para proteger o dinheiro que já investiram do que para ganhar dinheiro que ainda não têm — também conhecida como a falácia do custo afundado (*sunk cost fallacy*).

Paulos caiu em outra ilusão: a crença de que, com inteligência suficiente e o método analítico adequado, seria possível prever quais ações iriam bem. Ele estava errado: a WorldCom faliu de maneira espetacular e pediu concordata em 2002. Perdeu US\$180 bilhões (£110 bilhões) e suas ações ficaram sem valor.

O caso do investimento desastroso de Paulos é apontado, inclusive pelo próprio professor em seu livro *A Mathematician Plays the Stock Market*, como exemplo de um homem muito inteligente fazendo algo muito estúpido. Mas talvez seja mais bem compreendido de modo diferente: se Paulos não fosse tão inteligente, talvez não tivesse feito algo tão estúpido. Em sua carreira, ele se tornou muito hábil em apontar as falhas intelectuais alheias. Seu livro *Innumeracy*, com o subtítulo retrospectivo e irônico *Mathematical Illiteracy and Its Consequences*,⁴ examina exemplos reais de pessoas estúpidas que se deixaram enganar por fenômenos como médiuns, astrologia, OVNI, seguros e — claro — golpes do mercado financeiro.

Para nossos propósitos, a história de Paulos mostra outra coisa também: o problema de entender a estupidez e de distingui-la de uma série de outros termos muito próximos.

“Estupidez é falta de inteligência, entendimento, razão ou sagacidade. Pode ser inata, assumida ou reativa. A palavra ‘estúpido’ vem do latim *stupere*.” Essa é, pelo menos, a definição da Wikipedia. Mas as coisas são tão simples assim? Ignorância não é estupidez. Estar errado não é necessariamente ser estúpido. Loucura, erro, autoilusão não são estupidez. Termos como o grego

amathia ou o alemão *Dummheit* não se alinham diretamente com estupidez. Professores brilhantes fazem coisas tolas. O que, então, é estupidez?

Um problema é que estupidez é atribuída não apenas a pessoas, mas também a ações — o que torna tudo mais confuso. Pior ainda, embora chamemos uma pessoa ou ação de estúpida, para alguns filósofos da estupidez os indivíduos se tornam estúpidos principalmente por causa dos grupos ou tradições de que fazem parte. É isso que torna a estupidez um defeito de caráter singularmente perigoso. Muitos outros defeitos humanos — embriaguez, atraso, falta de asseio — são meramente pessoais e, por isso, podem ser mais prontamente eliminados; mas, como coloca o filósofo Sacha Golob, estupidez é produto dos grupos e das sociedades em que somos criados. Ele escreve: “Obtém-se a maior parte de nossos conceitos, nossas ferramentas mentais, da sociedade em que crescemos... Uma vez que a estupidez se apossa de um grupo ou sociedade, é particularmente difícil erradicá-la — inventar, difundir e normalizar novos conceitos é um trabalho árduo.”⁵

Essa é uma teoria. Considere o Partido Conservador.

John Stuart Mill, filósofo vitoriano e deputado liberal, afirmou que os conservadores eram o “partido mais estúpido”.⁶ Se a estupidez é atribuído de grupos e tradições, isso sugeriria que todos os membros do Partido Conservador são estúpidos na medida em que suas ferramentas mentais foram forjadas no cadinho intelectual do partido mais estúpido. Mas isso parece forçado: certamente há — e houve — membros do Partido Conservador que não são estúpidos. (Ou então os inteligentes foram embora com medo de se sentir deslocados.)

Mas e quanto à estupidez do brilhante professor Paulos? Ele claramente fez algo estúpido, mas isso não o tornou estúpido. O que é, então, fazer algo estúpido? Uma possibilidade, exposta novamente por Golob,⁷ é que estupidez é a falha em usar de modo ideal as próprias capacidades cognitivas. Isso parece promissor porque essa falha não equivale simplesmente a ter capacidades cognitivas fracas. Para Golob, ter capacidades cognitivas fracas é algo distinto. Burrice para ele é sinônimo de falta de inteligência. E falta de inteligência, evidentemente, é o inverso de inteligência, que — se é algo — é aquilo medido por testes de inteligência. Claramente seria absurdo chamar o professor de matemática de não inteligente ou burro, embora descrever suas escolhas de investimento como tais não pareça descabido.

Ao fazer algo estúpido, Paulos revelou, pode-se argumentar, algo sobre a natureza da estupidez. Ela é específica do domínio. Assim como há jogadores de futebol que têm alto “QI futebolístico”, mas são funcionalmente analfabetos, ou pessoas de alta inteligência emocional incapazes de amarrar os próprios

sapatos, talvez a estupidez de Paulos fosse apenas relativa a um campo além de sua competência. Nos termos de Golob, ele falhou em usar suas faculdades cognitivas de modo ideal.

Há outro termo útil aqui: insensatez. “Muita da aparente estupidez [*Dummheit*] é na verdade insensatez [*Narrheit*]”, argumentou Friedrich Schlegel em 1797.⁸ O problema desse termo é que as águas da insensatez foram turvadas pela longa tradição da “performance da insensatez”. Os muitos bobos de Shakespeare — de Malvólio em *Noite de Reis* ao Bobo do *Rei Lear* — frequentemente sugerem que a insensatez é, na verdade, portadora da verdade. Quando Erasmo escreveu *Elogio da Loucura*, como veremos, não estava fazendo uma defesa de professores brilhantes que se perdem intelectual e financeiramente apostando no mercado de ações.

Também poderíamos usar o termo “insensato”. Paulos foi insensato no sentido definido pelo psicólogo canadense Keith Stanovich: “Insensatez é uma falha específica de domínio ao agir com prudência, por exemplo devido à má avaliação do risco.”⁹ Talvez as ações de Paulos se encaixem melhor aqui: perder enormes somas de dinheiro em apostas cada vez mais equivocadas no mercado de ações parece bem diferente de uma falta de capacidade cognitiva e, portanto, de burrice ou falta de inteligência. Falhar em usar de modo ideal as capacidades cognitivas não é o mesmo que tê-las fracas.

Nenhum dos dois, porém, é exatamente o mesmo que estupidez — certamente não se seguirmos Golob, que a define assim:

Um indivíduo ou grupo A é estúpido em relação ao objetivo G e ao conceito C se (i) o uso que A faz de C na busca de G é autossabotador e (ii) se a razão do uso de C é que o inventário conceitual de A não inclui um conceito não autossabotador capaz de desempenhar o mesmo papel explicativo, ou se tal conceito está presente nesse inventário, mas A tem acesso cognitivo limitado a ele.¹⁰

Golob cita o exemplo do general Haig, comandante das forças britânicas na Frente Ocidental de dezembro de 1915 até o fim da Primeira Guerra Mundial, para demonstrar seu argumento. Haig era um homem que encarnava o adágio de que as tropas britânicas eram leões liderados por (aqueles supostamente estúpidos animais) burros. Sir Ian Hamilton, líder da campanha de Galípoli, sugeriu que Haig enxergava a Frente Ocidental como “operações móveis em parada” — isto é, que forças de infantaria poderiam ser entendidas como cavalaria estacionária e que a estratégia do Alto Comando poderia prosseguir de acordo com isso. Haig não acreditava literalmente que os regimentos

de infantaria fossem cavalaria. A acusação é que o arcabouço conceitual básico que ele usava para compreender o que acontecia fora tomado da guerra de cavalaria em que fora treinado — as trincheiras eram analisadas na linguagem de “operações móveis”, embora com a ressalva de que nada estava realmente se movendo.

Isso, para Golob, é um caso exemplar de estupidez. “Para Kant, estupidez é uma doença do juízo determinante, uma incapacidade de ir *do* universal *ao* particular.” Golob argumenta o oposto: “Estupidez é, antes, a incapacidade de ir *do* particular *ao* universal e a consequente incapacidade de desenvolver os conceitos necessários” (ênfases no original).¹¹ Nesse sentido, um milhão de homens morreu pela estupidez de Haig.

Se Golob estiver certo, então Paulos está absolvido. Ele foi insensato, não estúpido, em seus investimentos. O problema ao investir insensatamente não foi que não desenvolveu os conceitos necessários — o que uma pessoa estúpida faria —, mas que foi enganado por uma série de vieses de confirmação e outras ilusões. “Quando as pessoas se deixam levar por garimpeiros, alquimistas e agentes de loteria, isso não deve ser atribuído à sua estupidez”, como disse Immanuel Kant.¹²

Claro que tal refinamento taxonômico não diminui aquela terrível sensação de queimação que o professor ainda hoje sente no rosto quando pensa em quanto perdeu comprando as ações da WorldCom. “Quanto ele perdeu no mercado de ações?”, perguntou um entrevistador. Ele preferiu não dizer. “Muito”, respondeu. “Fiquemos com muito.”¹³

Dito isso, a vergonha de ser um acadêmico brilhante exposto por algumas das falhas intelectuais que diagnosticara nos outros tem suas compensações. Ele conseguiu amortecer suas perdas escrevendo um livro lucrativo sobre ter se tornado um otário da bolha pontocom. Isso revela uma verdade sobre a estupidez: pessoas estúpidas são diferentes de pessoas pouco inteligentes — as primeiras podem aprender com seus erros estúpidos; as últimas, nem tanto.

A camisa de força do pensamento convencional

Talvez toda a discussão acima seja, ela mesma, uma tolice acerca da estupidez. Ela não leva realmente em conta o caráter normativo do uso do termo.

Pior: corre o risco de ignorar por completo formas de inteligência que não se ajustam às normas sociais. Não que haja algo errado com a definição de estupidez proposta por Golob, mas ela é insuficiente para oferecer um relato rico do próprio fenômeno que pretende definir. Ela não considera a possibilidade

de que certos comportamentos tomados como estúpidos sejam, na verdade, inteligentes. Talvez o teste de QI que usamos para separar os inteligentes dos estúpidos — e o ato de estigmatizar certos grupos humanos, não apenas raças, mas também pessoas que sofrem ou convivem com déficits, transtornos e deficiências — seja, ele próprio, uma perspectiva estúpida, incapaz de apreciar maneiras diferentes de ser inteligente, perspicaz, sagaz ou portador de tantas outras qualidades cognitivas humanas.

Considere, por exemplo, o caso de Pete Wharmby. Diagnosticado como autista aos 34 anos, em 2017, e com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) em 2024, ele tem se dedicado a melhorar a vida de outros autistas, que sofrem desproporcionalmente com depressão, ansiedade e menor expectativa de vida e, sobretudo, têm maior probabilidade de estarem desempregados do que pessoas não autistas. Seus escritos celebram a neurodiversidade, um neologismo cunhado no fim dos anos 1990 pela socióloga australiana Judy Singer como termo guarda-chuva para condições como autismo, dislexia e TDAH. Singer buscava chamar atenção para o fato de que muitas formas atípicas de funcionamento do cérebro também trazem habilidades e aptidões incomuns. Seu propósito era político: ela queria fazer pelos neurodivergentes o que movimentos anteriores fizeram por outros grupos estigmatizados ou, como disse numa entrevista, “fazer pelas pessoas neurologicamente diferentes o que o feminismo e o movimento pelos direitos gays fizeram por seus públicos”.¹⁴

Certamente há algo cognitivamente desconcertante — e talvez libertador — para uma pessoa não neurodiversa como eu ao ler sobre os hábitos estranhos, por vezes até estúpidos, comuns em nossas sociedades neurotípicas. Essa foi exatamente minha experiência ao ler o livro de Pete Wharmby, *Untypical: How the World Isn't Built for Autistic People and What We Should Do About It* (2023). Ali ele se descreve como o menino Mogli de *O Livro da Selva*, de Rudyard Kipling, aprendendo os costumes de um mundo estranho e alienígena — embora, no caso de Wharmby, sem um Baloo ou Bagheera que o guiasse. Aos poucos, ele escreve, foi descobrindo as leis do mundo neurotípico, mas elas mal lhe pareciam sensatas. De fato, uma das delícias de seu livro é perceber, pela primeira vez, o quão estúpidas muitas práticas neurotípicas são. Ele escreve:

Nosso cérebro funciona de maneiras que parecem tão alienígenas para a população neurotípica que, às vezes, fico absolutamente perplexo diante da discrepância. Como pode ser, por exemplo, que *insinuar* algo de um jeito passivo-agressivo estranho seja a técnica padrão quando se quer que alguém faça

algo por você? Como é possível que uma das melhores maneiras de nutrir e cultivar uma amizade seja perguntar incessantemente ‘Como você está?’ sem ouvir de fato a resposta? Como o isolamento — estar a sós com os próprios pensamentos — é um recurso tão difundido para retratar a *infelicidade*, aplicado a tudo? Do meu ponto de vista — o ponto de vista de um autista ligeiramente indignado — tudo isso está além da razão.¹⁵

Li esse trecho alternando risos e caretas: rindo da análise divertida de normas sociais estúpidas e fazendo careta diante de como sua descrição do funcionamento contraproducente da sociedade neurotípica é fiel. A expressão “além da razão” ressoa especialmente: talvez o mundo neurotípico seja estruturalmente irracional, isto é, assentado numa estupidez involuntária. Por que os neurotípicos simplesmente não pedem o que querem? Por que fazemos perguntas vazias? Por que somos tão ansiosos diante de comportamentos solitários a ponto de estigmatizá-los? Somos estúpidos ou o quê? A perspectiva torta de Wharmby lembra, um pouco, o poema de Craig Raine, “A Martian Sends a Postcard Home”, de 1979, em que um alienígena desnorreado descreve práticas humanas estranhas: “À noite, quando todas as cores morrem, eles se escondem aos pares / e leem sobre si mesmos — em cores, de olhos fechados.”¹⁶ O que parece normal visto de uma perspectiva torna-se, quando visto de outra, estranho, curioso, encantador ou, por vezes, simplesmente idiota.

Tudo isso é relevante para a definição de estupidez que estamos examinando, porque normas neurotípicas que talvez pareçam perfeitamente inteligentes e razoáveis são, sob outra perspectiva, completamente sem sentido. Se quisermos definir estupidez de um modo que abarque não apenas as condições necessárias e suficientes do termo, mas também seu uso normativo — e, por vezes, para abusar ou estigmatizar —, precisamos reconhecer que o que é tido como estúpido ou inteligente depende substancialmente da perspectiva. Uma pessoa neurodivergente, por exemplo, diagnosticada com processamento auditivo lento, pode levar algum tempo para absorver o que alguém está dizendo, mas isso não significa que seja tapada, obtusa ou estúpida. Alguém que consideramos com deficiência pode ter habilidades intelectuais e aptidões jamais sonhadas por autoridades neurotípicas em toda a limitação de seus poderes cognitivos. “Pessoas autistas, por exemplo, têm memórias prodigiosas para fatos, são frequentemente muito inteligentes em maneiras que não aparecem nos testes de QI verbal e são capazes de manter o foco por longos períodos em tarefas que tiram proveito de seu dom natural para detectar falhas em padrões visuais”, escreve Steve Silberman em seu artigo “Neurodiversity Rewires Conventional Thinking About Human Brains”. “Pelos padrões autistas, o

cérebro humano ‘normal’ se distrai com facilidade, é obsessivamente social e sofre de déficit de atenção aos detalhes.”¹⁷

Isso não é apenas uma questão semântica, mas prática — com consequências reais para a prosperidade ou deterioração da sociedade humana. Que estupidez da sociedade convencional permitir que as taxas de desemprego entre pessoas neurodivergentes sejam tão altas ou marginalizá-las em funções que não aproveitam seus potenciais superpoderes. “Um motivo”, escreve Silberman, “pelo qual a vasta maioria dos adultos autistas está cronicamente desempregada ou subempregada, relegada a trabalhos repetitivos, como montar chaveiros em oficinas protegidas, é que os departamentos de RH hesitam em contratar pessoas que parecem, agem ou se comunicam de maneiras não neurotípicas — como usar teclado e software de voz para se expressar em vez de conversar ao redor do bebedouro.”

Mas essa hesitação é uma tolice — até uma estupidez. Silberman argumenta que pessoas neurodivergentes já deram contribuições enormes à sociedade justamente por serem brilhantes de maneiras não neurotípicas. Considere, por exemplo, três gênios disléxicos: Carver Mead, pai dos circuitos integrados em grande escala; William Dreyer, que projetou um dos primeiros sequenciadores de proteínas; e Herman Hollerith, que ajudou a inaugurar a era da computação ao inventar uma máquina para tabular e classificar cartões perfurados — e que, certa vez, saltou pela janela da escola para escapar das aulas de ortografia, pois era disléxico.

Silberman oferece um conselho inteligente para quem tem dificuldade em reconhecer o valor da inteligência não neurotípica. De modo revelador, ele se vale de uma metáfora computacional: “Uma maneira de entender a neurodiversidade é lembrar que só porque um PC não está rodando Windows não significa que esteja quebrado. Nem todos os recursos de sistemas operacionais humanos atípicos são bugs.” A conclusão é que diferentes formas de inteligência devem ser bem-vindas (e, por implicação, diferentes formas de estupidez devem ser eliminadas) e que normas sociais podem ser, às vezes, restrições contraproducentes. O que alguns veem como deficiência a ser tratada, outros podem enxergar como sinal de inteligência. “Tentar tornar alguém ‘normal’ nem sempre é a melhor maneira de melhorar sua vida”, diz o ativista norte-americano pelos direitos das pessoas com deficiência Ari Ne’eman, cofundador da Autistic Self-Advocacy Network.¹⁸

E é particularmente tolo quando lembramos que algumas pessoas neurodivergentes (especialmente autistas de alto funcionamento) não apenas se comunicam melhor usando telas, em vez de interações face a face, mas também prosperam online e em ambientes de alta tecnologia — muitas vezes mais do

que seus pares neurotípicos. Em um artigo pioneiro de 1998, “Neurodiversity: On the Neurological Underpinnings of Geekdom”, Harvey Blume argumentou que o neurotípico é apenas uma forma de organização cerebral — e talvez uma inferior. Ele escreveu: “A suposição comum nos estudos cognitivos hoje é que o cérebro humano é o conjunto de dois quilos e meio de matéria mais complicado do universo conhecido. Com tanta coisa acontecendo dentro de um cérebro, o raciocínio diz que é inevitável que apareçam bugs ocasionais: daí o autismo e outras formas de desvio da norma neurológica.” Mas isso é estúpido, ele argumentava. “Quem pode dizer qual forma de conexão neural se mostrará mais adequada num dado momento? A cibernética e a cultura computacional, por exemplo, podem favorecer uma mente com traços um tanto autísticos.”¹⁹

Porém, apenas uma forma de “conexão” foi tradicionalmente favorecida pelos empregadores. Nos Estados Unidos, o Stanford Diversity Project estimou, em 2019, que 80% das pessoas no espectro autista estão desempregadas ou subempregadas — o que, convenhamos, é tolice, já que muitas dessas pessoas têm um potencial não aproveitado. E esse potencial vem sendo cada vez mais reconhecido por empresas que alteram seus processos seletivos para aceitar candidatos neurodivergentes. A Microsoft, por exemplo, a partir de 2012, passou a direcionar esforços específicos para atrair esse público ao modificar seu processo seletivo tradicionalmente intimidante. Muitos dos comportamentos normativos exigidos numa entrevista de emprego — fazer contato visual, apertar as mãos com firmeza, “vender-se” — são exatamente aqueles com os quais muitas pessoas autistas têm dificuldade. Como relatou Gwen Moran na *Fortune*, em 2019: “Pessoas com autismo, transtornos de ansiedade e algumas outras diferenças cognitivas podem ter dificuldade em processos seletivos intensos que duram semanas e podem incluir quatro ou cinco entrevistas no mesmo dia.”²⁰

Pesquisando para seu livro *Neurotribes: The Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity* (2015),²¹ Steve Silberman encontrou empresas que estavam adaptando seus processos de recrutamento para acolher candidatos neurodiversos. Uma delas, contou ele, pedia aos candidatos que resolvessem problemas usando peças de Lego em vez de explicar por que seriam bons empregados. Não se tratava, necessariamente, de virtude, mas de bom senso: em um mercado de trabalho apertado, empresas buscam talento onde antes não procuravam. Como resumiu o título do artigo de Gwen Moran na *Forbes*, em 2019: “À medida que trabalhadores se tornam difíceis de encontrar, Microsoft e Goldman Sachs esperam que o talento neurodiverso seja a peça que falta.”

Silberman argumenta que talvez exista um paralelo entre diversidade biológica e neurodiversidade: “Em florestas e poças de maré, o valor da diversidade biológica é a resiliência: a capacidade de resistir a mudanças nas condições e a ataques de predadores. Em um mundo que muda mais rápido do que nunca, honrar e nutrir a neurodiversidade é a melhor chance de a civilização prosperar em um futuro incerto.”²² Seria estupidez a sociedade humana ignorar essa chance.

Mas aceitar isso exige bastante reflexão — sobre o que consideramos deficiência e o que consideramos habilidade; sobre o que é um bug a ser esmagado e o que é um recurso desejável; sobre o que é tolice e o que é sabedoria; e, por fim, sobre o que é estupidez e o que é inteligência. A sugestão perturbadora e útil dos escritores e pensadores neurodivergentes acima é que as fronteiras entre esses pares não são, necessariamente, aquelas que a sociedade traçou. Testes de QI e práticas de contratação estreitas podem aguçar essas fronteiras, mas a um custo considerável. Talvez, na verdade, não exista uma linha, mas apenas um limite vago entre estupidez e inteligência — assim como talvez não exista um modo defensável, em certos casos, de decidir se a estupidez é uma forma de loucura ou de deficiência. Certo é que, como veremos, estupidez e tolice foram tomadas, em alguns momentos da história, como sinônimos; em outros, a estupidez foi vista como uma deficiência cognitiva que, por meio de políticas brutais de reprodução, deveria ser extirpada da sociedade humana.

No paradoxo de Sorites, um monte de areia é reduzido grão a grão. Quando deixa de ser um monte? Pode-se argumentar que não há um momento preciso em que a remoção de um único grão transforme um monte em não monte. Talvez a estupidez seja um conceito igualmente difuso que, paradoxalmente, convertemos em conceito não difuso ao lhe impor características rígidas que ele não tem. Por exemplo, usamos testes de QI para delimitar, de modo talvez tolo, o inteligente e o estúpido; ao não contratar disléxicos, as empresas de RH demarcam os considerados inteligentes e empregáveis, e os que não são. Ambos são modos de impor a um conceito vago um caráter normativo rígido que pode ter — e, como veremos adiante, realmente tem — consequências desastrosas para o florescimento humano. Ambas as práticas foram concebidas para fazer a sociedade funcionar melhor, mas podem, na verdade, apenas fazê-la estagnar ou operar em níveis abaixo do ideal. Isso, pode-se pensar, é realmente estúpido.

A Estupidez Antiga



Um encontro com uma mulher estranha

Mais de dois milênios atrás, um jovem impetuoso chamado Querefonte partiu em uma busca quixotesca. Viajou cerca de 400km de Atenas até uma fenda próxima a Delfos que os gregos chamavam de Ónfalo, o umbigo do mundo. Querefonte queria fazer uma pergunta simples a uma sábia sentada em um banquinho ao lado dessa fenda, uma mulher que, muito provavelmente, estava sob efeito de substâncias alucinógenas.

Hoje o Ónfalo fica convenientemente próximo da rodovia EO 48, mas essa estrada não existia em 440 a.C. Querefonte foi obrigado a escalar colinas, purificar-se com água sagrada da Fonte Castália e, ao chegar a Delfos, percorrer a Via Sagrada, ladeada por grandes estátuas, murais e templos deixados pelos clientes agradecidos do oráculo. Entre esses tesouros havia uma esfinge colossal no alto de uma coluna de 12m, um templo dos atenienses construído para comemorar a vitória na Batalha de Maratona e um leão de ouro maciço em 117 blocos de ouro branco.

Ao final da Via Sagrada, Querefonte provavelmente parou diante do Templo de Apolo para apreciar as máximas edificantes gravadas em suas paredes: “Conhece-te a ti mesmo” e “Nada em excesso”. Depois, entrou. Muito provavelmente seu nariz estava impregnado pelo cheiro de carne assando das ofertas sacrificiais próximas e seus ouvidos cheios do burburinho de peregrinos que buscavam respostas para grandes questões, como se uma colheita fracassaria, um casamento seria feliz ou uma batalha seria vitoriosa. Eram publicados hexâmetros com as profecias das sacerdotisas, frequentemente enigmáticas, produtos do *enthousiasma*, a inspiração divina, como esta citada por Pausânias:

Mas um dia, quando um homem de Titórea derramar libações e oferendas de oração na terra para Anfião e Zeto; quando Touro for aquecido pela força do glorioso sol; naquele momento, acautela-te contra a desgraça que virá sobre a cidade, não pequena. Pois o fruto da colheita nela se perderá quando as pessoas dividirem a terra e a levarem ao túmulo de Foco.¹

O que, convenhamos, tem utilidade mínima para autoridades públicas lutando para evitar desastres e falta de alimentos.

Então Querefonte avançou até o santuário interno do templo, o *ádyton*, onde uma camponesa, supostamente escolhida por ter levado uma vida irrepreensível (seja lá o que isso significasse), sentava-se sozinha em um tripé sobre uma abertura na terra, inalando suas emanções. Ela era chamada de Pítia, embora esse fosse provavelmente apenas o título do cargo. Várias mulheres exerceram a função de oráculo em Delfos. Ela era a porta-voz do deus Apolo, uma profetisa, uma sibila. Se era inspirada pelo deus, ou completamente fora de si por gases alteradores de consciência — ou ambos — é incerto.

Geólogos sugeriram recentemente que os vapores da fenda eram hidrocarbonetos alucinógenos, como etano ou etileno. Fontes antigas afirmavam, ao contrário, que os transe proféticos da sacerdotisa eram provocados pela inalação de fumaça de um fogo sagrado de louro (que pode ter sido cannabis) ou por gases oriundos da decomposição do cadáver da serpente Píton, que Apolo havia matado e lançado no abismo — embora essa última ideia pareça pouco plausível. Só idiotas acreditam que cheiro de serpente assada tem propriedades alucinógenas.

De todo modo, Querefonte, provavelmente suado por causa da caminhada, deslumbrado pelos tesouros e outras glórias que acabara de ver, impressionado pelo santo dos santos que acabara de adentrar e, imagina-se, começando ele mesmo a alucinar um pouco, fez a pergunta que nutrira no peito desde

Atenas. “Existe alguém mais sábio do que Sócrates?” “Não”, respondeu Pítia, lacônica.²

Seja qual for sua opinião sobre o juízo, ele foi certamente mais direto do que seus alertas gnômicos sobre futuras colheitas arruinadas.

Então, pelo que sabemos, Querefonte voltou apressado a Atenas para contar a boa notícia ao amigo e mentor antes de desaparecer dos registros históricos. Sócrates, porém, não ficou satisfeito ao saber que era o menos estúpido dos mortais — ficou intrigado. Anos depois, em 399 a.C., quando foi julgado por cerca de 500 homens atenienses sob acusações de impiedade e de corromper a juventude, disse: “O que será que o deus quer dizer? Pois sei que não sou sábio, nem extremamente sábio, nem moderadamente sábio. Então, o que ele quer dizer ao afirmar que sou o mais sábio?”³

Pelo menos é isso que Platão coloca na boca de Sócrates em seu discurso de autodefesa — sem sucesso. É uma boa pergunta: seu julgamento ocorreu muito antes da Escala de Inteligência Stanford–Binet ou de qualquer outro teste de QI. Com base em quê Apolo ou sua porta-voz pítica poderiam decidir quem era o mais sábio dos humanos?

Sócrates estava perplexo em parte porque acreditava que o oráculo não podia mentir e em parte porque sabia que não era sábio. Daí podemos extrair dois paradoxos: primeiro, apenas os sábios sabem que não são sábios; segundo, apenas os estúpidos imaginam que não são estúpidos. A afirmação de Sócrates de que sabia não ser sábio fundamenta-se na virtude da humildade e é, para os seguidores da sabedoria socrática, condição necessária para a sabedoria. Mas não é suficiente: alguns ignorantes — notadamente os estúpidos — não a possuem. “Humildade não é um hábito particular de autocancelamento”, escreveu a filósofa irlandesa Iris Murdoch, “mas, sim, um respeito desinteressado pela realidade, uma das mais difíceis e centrais de todas as virtudes.”⁴ Não é uma virtude da qual se deva gabar. Quando Donald Trump disse a um repórter: “Acho que sou muito mais humilde do que você seria capaz de entender”,⁵ demonstrou que não era. Se ao menos tivesse lido mais Platão. Cultivar humildade, que Sócrates considera essencial para superar a própria estupidez, dá trabalho; não é algo para ostentar — e, sem ela, não se pode conhecer a si mesmo, e sem conhecer a si mesmo, não se pode tornar-se virtuoso.

Sócrates afirmou aos juízes que, após ouvir aquele relatório sobre sua sabedoria incomparável, decidiu questionar todos que encontrasse e que parecessem sábios ou se declarassem como tal. Sua busca era pela verdade sobre o que é a sabedoria — e quem a possui. Na verdade, os diálogos escritos por Platão são o único registro que temos de Sócrates testando as mentes daqueles que se supunham sábios e/ou acreditavam saber coisas que, ao serem examinadas de

perto por Sócrates, mostravam-se não saber. Não eram apenas ignorantes, mas ignorantes de sua própria ignorância, o que, como veremos, é uma das formas centrais da estupidez.

Quem, então, é sábio? Sócrates, ao final da vida, encontrou a verdade e a comunicou aos juízes: “A verdade é, meus concidadãos atenienses, que só Deus é sábio. O que o oráculo quis dizer é que o que sabemos é pouco ou nada. Apolo não quis dizer apenas a mim; sou apenas um exemplo. O que Deus quer dizer é: ‘Os sábios sabem que sua própria sabedoria não vale mais que a de qualquer outro.’”⁶

Cada diálogo socrático — ao menos aqueles não sobrecarregados pelas visões metafísicas e cosmológicas duvidosas de Platão (como a hipótese insana, na *República*, de que os filósofos deveriam ser reis-governantes de qualquer cidade sensata) — é uma terapia intelectual em que, por meio de um exame minucioso conduzido por Sócrates, alguém que se julgava sábio no início percebe, ao final, a verdade: não é. O tradutor Benjamin Jowett expressa bem a ideia:

A auto-humilhação é o primeiro passo rumo ao conhecimento, mesmo das coisas mais comuns. Ninguém sabe o quão ignorante é, e ninguém pode alcançar a virtude e a sabedoria sem ter sido, pelo menos uma vez na vida, convencido do próprio erro. O processo pelo qual a alma se eleva não é muito diferente daquele que escritores religiosos descrevem sob o nome de ‘conversão’, se substituirmos o senso de ignorância pela consciência do pecado.⁷

A conversão não é da ignorância para o conhecimento, mas da ignorância involuntária para o reconhecimento de que se foi ignorante — e, com isso, torna-se mais sábio quanto à própria falta de sabedoria e, especialmente, à própria estupidez. Sem essa jornada espiritual — do não saber sobre as próprias limitações ao saber delas — não se pode viver uma vida boa. Platão e Sócrates, como muitos pensadores gregos, acreditavam que a vida boa envolve superar a ignorância sobre algumas coisas e reconhecer que a ignorância sobre outras pode ser insuperável. Ter consciência dessa segunda ignorância é parte da sabedoria. Não é, propriamente, que a ignorância seja má por si só, mas que a incapacidade ou a recusa em superá-la é que seja má.

A estupidez, portanto, não é apenas uma falha, mas um mal — talvez o maior de todos. Séculos mais tarde, o filósofo iluminista Immanuel Kant sustentaria que alguém poderia ser bom e estúpido ao mesmo tempo — crença bastante comum hoje. Os filósofos gregos antigos discordariam. Na *Ética a Nicômaco*, baseada em anotações feitas por seu filho cerca de 60 anos após a

morte de Sócrates, Aristóteles escreveu: “Não é possível ser bom sem prudência, nem prudente sem virtude moral.”⁸ O termo grego *eudaimonia*, frequentemente traduzido de modo insatisfatório como “felicidade”, exprime melhor: para Aristóteles, *eudaimonia* é o objetivo adequado da vida humana, mas não é, como a felicidade, um estado subjetivo. Antes, é uma condição objetiva de quem vive bem — uma combinação de bem-estar e florescimento. É verdade que esse bem-estar pode vir acompanhado de um sentimento subjetivo de felicidade por saber-se vivendo virtuosamente, mas isso não é essencial. Porcos podem ser felizes revolvendo-se na lama, estupidamente satisfeitos em sua ignorância de atividades superiores. A estupidez não é, portanto, uma virtude. Essa felicidade estúpida pode até fazer parte de sua função, segundo Aristóteles, pela qual prosperam. Um porco que não se revolveria estúpida e prazerosamente na lama não apenas perderia a boa diversão imunda como também deixaria de cumprir sua função de porco florescente.

Para nós, humanos, é diferente. Revolver-se felizmente na lama não é para nós. Seria indigno para nós, seja na lama literal, seja na lama metafórica que é o multiforme embotamento intelectual de nossa era de estupidez: consumismo, entretenimento de baixíssima qualidade e a obsessão em lapidar uma imagem fútil nas redes sociais. Pode-se ser feliz e estúpido, mas não virtuoso e estúpido. John Stuart Mill, cujas fotografias o fazem parecer totalmente alheio a banhos de lama, escreveu: “É melhor ser um ser humano insatisfeito do que um porco satisfeito; melhor ser Sócrates insatisfeito do que um tolo satisfeito. E se o tolo ou o porco pensam diferente, é apenas porque conhecem apenas o seu lado da questão.”⁹

Essa distinção porco–humano era um problema para Mill, oficialmente defensor do utilitarismo, que propõe que o objetivo final da vida humana, seu *summum bonum*, deve ser maximizar a felicidade do maior número e, em princípio, não teria motivo para se opor se toda a humanidade estivesse feliz, como porcos na lama. Mas não era um problema para Aristóteles nem para Sócrates: revolver-se na lama em autossatisfação equivocada é trair o que significa florescer como humano — e, portanto, é um mal. A estupidez é um mal que podemos e devemos superar.

Mas por que se incomodar? Quem quer saber que é estúpido? Se ignorância é felicidade, não seria a estupidez — ignorância sobre a própria ignorância — felicidade ao quadrado? A consciência de estar imerso, como um porco, em prazeres indignos é algo bom, porque somente ao saber que se é estúpido pode-se deixar de sê-lo. Mas isso é paradoxal: se alguém é estúpido, como deixar de ser? A própria estupidez não impediria essa mudança desejável? Guarde esse pensamento.